

## **O cinema na escola após a lei 13.006/2014**

Cláudia de Almeida Mogadouro

Marcelo Eduardo Lopes

Michelle Caroline Bernardes dos Santos

A presença do cinema na escola sempre existiu, mas nem sempre de forma harmoniosa. O que temos visto nas pesquisas e relatos de práticas é que a cultura escolar, tradicionalmente mais esquemática e ainda conteudista, se sobrepõe à criatividade do cinema, buscando didatizá-lo de forma que ele “caiba” em seu projeto pedagógico. Não há nenhum problema em favorecer o diálogo do cinema com o currículo, porém é difícil que a escola o considere como obra de arte e linguagem artística. As pesquisas mostram que a escola ainda tem dificuldade em utilizar o cinema como fruição estética. A linguagem audiovisual, em geral, tendo o cinema como sua matriz, é uma linguagem altamente polissêmica e, portanto, sua recepção não combina com avaliações ou provas.

Foi neste cenário, onde ainda predomina uma visão “didatizante” do cinema na escola, que foi votada a Lei 13.006, em junho de 2014, que coloca o cinema brasileiro como obrigatório no currículo com, no mínimo, duas horas mensais de exibição. Não será possível neste trabalho problematizar esta lei, uma vez

que ela ainda está em processo de regulamentação<sup>1</sup>, mas o fato é que a lei já está valendo e pode, ao nosso ver, ser um disparador para que a utilização do cinema ocorra de forma mais ampla e criativa no processo educativo. O que entendemos é que a escola pode assumir um papel de qualificar a assistência de filmes, a partir do diálogo (debates, cineclubes, rodas de conversa, blogs) e possibilitar a produção de um conhecimento transdisciplinar. A prática cineclubista, como se verá, é um caminho muito interessante para que o cinema comece a povoar o imaginário dos estudantes, auxiliando-os a construir, aos poucos, sua cultura cinematográfica, desenvolvendo, também, uma leitura crítica do audiovisual.

Há algumas décadas, com o barateamento dos equipamentos de projeção, temos visto as escolas – primeiramente as da rede particular e depois as da rede pública – adquirirem videocassetes (nos anos 1990), DVD players, computadores e projetores multimídia (conhecidos como *data-show*). A adequação de salas de projeção (com cortinas *blackout* para barrarem a luz) também tem aumentado<sup>2</sup>.

Então, poderíamos concluir que o cinema está presente plenamente no processo educativo? Sabemos que isso não é verdade. Muitos são os equívocos e limitações da relação entre Cinema e Educação.

A utilização de filmes como “ilustração” das aulas é a prática mais comum (Duarte, 2006; Franco, 1997; Napolitano, 2009; Mogadouro, 2011) e que muitas

---

1 Em 2015, foi formado um Grupo de Trabalho, coordenado pelo Ministério da Educação (MEC) e da Cultura (MinC) para regulamentação da Lei 13.006/2014. Dentre os pesquisadores participantes, estava Cláudia Mogadouro, representando as pesquisas acadêmicas desenvolvidas na ECA-USP e as formações audiovisuais desenvolvidas na Secretaria Municipal de Educação de SP. O processo de regulamentação amplamente discutido durante todo o ano de 2015 foi interrompido pelos acontecimentos políticos de 2016, que resultaram no afastamento da presidenta Dilma Roussef. A regulamentação ainda não aconteceu, mas a Lei está em vigor, uma vez que foi votada como alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

2 Na pesquisa de doutorado de Cláudia Mogadouro, concluída em 2011, já se constatava que a maioria das escolas da rede estadual do Estado de SP possuíam boas salas de projeção. O mesmo se constatou em nossa prática de formação nas 13 diretorias regionais de ensino da rede municipal de São Paulo.

vezes só vem reforçar outra prática muito equivocada que é a exibição de filmes no caso de ausência de um professor ou quando não houve planejamento da aula (na ingenuidade de se achar que os alunos não percebem e não se ressentem). Pressupõe-se, nesse caso, que o filme esteja substituindo a aula, “os alunos estão assimilando conteúdos, no caso da ausência do professor”. Pode-se dizer que esses equívocos praticados sistematicamente ao longo dos anos são os maiores responsáveis pelos preconceitos e resistências e os piores inimigos de uma interação profunda entre cinema e educação.

A escola continua se eximindo de lidar com essa nova cultura que mescla a cultura letrada, a oral e a audiovisual, mantendo-se amparada em textos impressos e desconfiando do audiovisual (MARTÍN-BARBERO, 2004). O senso comum aponta a sedução pela imagem como o grande responsável pela crise de leitura nas gerações atuais:

(a escola atribui) a crise da leitura de livros entre os jovens unicamente à maligna sedução que exercem as tecnologias da imagem, o que poupa à escola o ter que se propor a profunda reorganização que atravessa o mundo das linguagens e das escrituras; e por conseguinte a *transformação dos modos de ler* que está deixando sem chão a obstinada identificação da leitura com o que concerne somente ao livro e não à pluralidade e heterogeneidade de textos, relatos e escritas (orais, visuais, musicais, audiovisuais, telemáticos) que hoje circulam. (MARTÍN-BARBERO, 2004: 338)

Se a escolaridade básica não oferece qualquer formação audiovisual, nos cursos de licenciatura ela também inexistente. A formação audiovisual de professores é espontânea e baseada no senso comum, raramente os professores têm oportunidade de formação audiovisual formal – inicial ou em serviço. Essa situação os deixa inseguros para lidar com o cinema em sua prática educativa. Vemos que os professores que conseguem superar a prática de uso apenas ilustrativo do cinema são aqueles que tiveram pessoalmente boas experiências com o cinema – normalmente por oportunidades da cultura familiar ou escolar. Estes sabem que o cinema é fonte de reflexão e conhecimento, mas é comum que

não dominem os códigos da linguagem audiovisual. Rosália Duarte nos fala sobre a relevância de a escola abraçar a tarefa dessa aprendizagem:

Se o domínio dos códigos que compõem a linguagem audiovisual constitui poder em sociedades que produzem e consomem esse tipo de artefato, é tarefa dos meios educacionais oferecer os recursos adequados para a aquisição desse domínio e para a ampliação da competência para ver, do mesmo modo como fazemos com a *competência para ler* e escrever. (DUARTE, 2006:82) (grifo da autora)

Somado a isso, a estrutura hierárquica da escola normalmente cria uma série de dificuldades para o professor que utiliza o cinema com intencionalidade educativa. Se o cinema costuma ser banalizado no ambiente escolar, sendo utilizado nas horas vagas e de “descontração”, o professor que quer virar esse jogo tem que fundamentar muito bem sua proposta educativa para enfrentar a resistência da direção, coordenação pedagógica, familiares e mesmo dos alunos, que entendem que “hoje não tem aula, é só filme”.

A Lei 13.006/2014 que coloca o cinema brasileiro como “obrigatório” enfrenta uma dificuldade que é o preconceito (inclusive por parte dos professores) com o cinema brasileiro. Porém, ela favorece que se conheça mais sobre nosso cinema, instigando os professores a descobrir obras que passaram quase invisíveis pelas salas de cinema, além da ampliação do repertório dos curtas metragens, que são verdadeiras pérolas para as aulas.

Foi essa a curiosidade provocada pelos cursos oferecidos aos professores, em 2015, pelo Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP)<sup>3</sup>. Os docentes que cursaram O Cinema como Instrumento de Formação Cultural e Cidadã, ministrado por Cláudia Mogadouro, ao conhecerem mais sobre a lei e a imensa produção recente do nosso cinema,

---

3 O Programa Nas Ondas do Rádio existe desde 2009 e, em 2016, passou a se chamar Núcleo de Educomunicação, que é um setor integrado à Coordenadoria Pedagógica (COPED) da Secretaria Municipal de Educação (SME), vinculado ao Núcleo Técnico de Currículo (NTC).

produção esta de muita qualidade, solicitaram, em suas avaliações do curso, que fosse oferecida uma formação específica sobre Cinema Brasileiro. Surgiu, então, o curso de 18 horas, no âmbito da SME-SP, denominado Panorama do Cinema Brasileiro para Educadores, que tem atendido a dezenas de professores até o momento.

### **A Educomunicação: o elemento inspirador na EMEF Saturnino Pereira**

Em 2014, a equipe de formadores do programa *Nas Ondas do Rádio* da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo foi renovada e os cursos de cinema foram disseminados mais fortemente para os professores da rede. Os cursos *Cinema na Escola*, *Nas Ondas do Vídeo*, *O Cinema como Instrumento de Formação Cultural e Cidadã*, *Panorama do Cinema Brasileiro para Educadores*, entre outros, foram oferecidos para centenas de professores interessados, nas 13 diretorias regionais de ensino da cidade.

Tais cursos incentivaram a ampliação do repertório dos professores, a utilização de forma muito mais criativa do cinema nas aulas e a formação de cineclubes dentro das escolas. Um exemplo disso foi o florescimento das ações com cinema na região de Guaianases, extremo leste da cidade de São Paulo, particularmente na EMEF Saturnino Pereira, que se situa na Cidade Tiradentes, uma das regiões da cidade mais estigmatizadas pela violência e desigualdade social. Os professores envolvidos reconhecem que o catalisador dessas ações foi a série de cursos promovidos pelo Núcleo de Educomunicação da SME, a partir de 2014.

Um grupo de professores, apaixonados pela sétima arte, e com o objetivo de trabalhar o cinema na escola, começou a participar de cursos para que pudessem pensar a introdução dessa linguagem nas salas de aula.

O primeiro curso que despertou a vontade de introduzir o cinema na escola foi *Nas Ondas do Vídeo*, promovido pelo Núcleo de Educomunicação, ministrado pela profissional Mariza Pinto. Nesse curso, as professoras de informática educativa, Michelle Bernardes e Patrícia Sales, vivenciaram as práticas de filmagem, incluindo produção de roteiro, introdução dos padrões de planos de filmagens, e ainda, realizaram uma produção coletiva cinematográfica entre as

alunas-educadoras. Após esse curso, surgiu a reflexão: como poderia ocorrer a produção de curtas-metragens na sala de aula?

Havia muitas dúvidas por parte das educadoras, apesar da vontade de introduzir o tema nas aulas de informática educativa, já que era forte a presença das novas tecnologias na vida dos jovens. As professoras tinham o desejo de realizar produções com seus alunos, mas não sabiam por onde começar. No mesmo ano, realizaram outro curso *A construção do conhecimento considerando a linguagem fotográfica e cinematográfica*, na Diretoria Regional de Ensino (DRE) Itaquera, ministrado pelo cineasta da região, João Luiz de Brito Neto, que rendeu a produção do curta-metragem *Você é do tamanho do seu sonho*, produzido pelos alunos do Projeto Imprensa Jovem, dos 8<sup>os</sup> anos, que participaram do curso juntamente com as professoras Michelle Bernardes, Patrícia Sales (Informática Educativa) e Maria Elizabeth Magalhães (Sala de Leitura).

Ao final do mesmo ano, as professoras da EMEF Saturnino Pereira constataram que haviam participado de muitos cursos, inclusive com seus alunos, mas precisavam de iniciativas que introduzissem o cinema na escola de forma mais transformadora, considerando o cinema como obra de arte e apreciação estética. Notaram também que era preciso envolver outros educadores da Unidade Escolar.

As ações concretas na escola para o implemento de uma cultura cinematográfica na perspectiva da fruição estética vieram no ano seguinte, em 2015, durante o curso *O Cinema como Instrumento de Formação Cultural e Cidadã*, também promovido pelo Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação, ministrado pela professora Cláudia Mogadouro.

Outra ação marcante desse grupo de educadoras foi a ida dos alunos do Projeto Educomunicativo Imprensa Jovem a uma sala de cinema tradicional de São Paulo, o Caixa Bela Artes, meses após a sua reinauguração. Os alunos visitaram as salas do cinema, conheceram a história do Belas Artes e sua importância para a cultura da cidade, entrevistaram o dono do cinema e ainda assistiram a um filme.

Em 2016, dois outros cursos promovidos pela SME-SP na DRE Guaianases foram fundamentais para a introdução do cinema na EMEF Saturnino Pereira: *Cinema*

*na Escola: Criação de cineclubes com foco nas relações étnico-raciais*, ministrado por Paola Prandini *Panorama do Cinema Brasileiro*, ministrado por Cláudia Mogadouro. Durante a realização deste último, educadores de três escolas combinaram de organizar um Cineclube de Educadores na região de Guaianas e Cidade Tiradentes. A ideia se concretizou no ano seguinte, liderada pelos educadores Michelle Bernardes, Marcelo Eduardo Lopes e Victor Ribeiro, iniciativa que será relatada no próximo tópico.

Os dois cursos resultaram na vontade de se criar também um cineclube para os alunos da EMEF Saturnino Pereira, o que foi articulado pelas educadoras Michelle Bernardes (Sala de Informática), Maria Inez de Souza (Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos), e Juliana Borges (Sala de Leitura). O nome dado ao cineclube homenageou um grande artista negro brasileiro. Estava criado o Cineclube Grande Otelo, no início voltado para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), realizando um grande sonho das educadoras que, além de apreciadoras da sétima arte, valorizam também as obras literárias.

Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais. (DUARTE, 2006, p 17)

A citação de Rosália Duarte sintetiza o projeto dessas professoras que conseguiram que a escola promovesse a experiência articulada das linguagens audiovisual e escrita de forma harmoniosa.

### **O Cineclube Grande Otelo na EMEF Saturnino Pereira**

Após a realização dos cursos do Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação, a prática cineclubista na escola passou a ser realizada gratuitamente. A sala de vídeo da escola, local onde são exibidas as sessões, foi grafitada pelo Grupo Opni, que possui uma Galeria de Arte na região de São Mateus, com ilustrações de rolos de filmes e com imagens de jovens artistas negros, como Grande Otelo, que leva o nome da sala de cinema onde são exibidos e debatidos os filmes. A inauguração aconteceu em 08 de abril de 2016.

O primeiro filme exibido para os alunos do EJA foi *Que horas ela volta?*, de Anna Muylaert. O debate foi mediado por Cláudia Mogadouro, principal incentivadora da efetivação do cineclube na escola. Boa parte dos 70 alunos que assistiram se identificaram com a personagem principal do filme, uma empregada doméstica de origem nordestina, interpretada pela atriz Regina Casé, pois essa era a condição de muitos dos alunos e de seus parentes. Familiaridade que veio à tona no intenso debate que se seguiu após a exibição. A partir da inauguração, a periodicidade do cineclube passou a ser mensal, com prioridade para a exibição de filmes nacionais, seguidos de debates com convidados, alunos e comunidade.

Outros filmes exibidos: os curtas-metragens *Vidas de Carolina*, dirigido por Jéssica Queiroz, e o documentário *Favela: a vida na pobreza*, da diretora alemã Christa Gottmann – Elter. O debate foi mediado por Paola Prandini, educadora e membro da ONG AfroeducAção; *O papel e o mar*, do diretor Luiz Antonio Pilar, exibido e mediado pela atriz Dirce Thomaz; *Batismo de Sangue*, filme de Helvécio Raton, mediado pelo professor Marcelo Eduardo Lopes, dentre outras produções cinematográficas. Em todas as oportunidades, a média de participação foi muito alta na frequência ao cineclube e no diálogo aberto após o filme.

No ano seguinte, o ensino fundamental 2 (6º ao 9º ano) passou a ser contemplado também com as exibições de filmes seguidas por debates, como: *A invenção de Hugo Cabret*, que inaugurou a presença da escola na FLICT (Feira Literária da Cidade Tiradentes), com mediação de Cláudia Mogadouro e a professora da escola, Maria Inez. Depois de alguns meses, foram exibidos os filmes *O ano em que meus pais saíram de férias*, de Cao Hamburger e *Lute como uma menina*, de Flávio Colombini e Beatriz Alonso, dentre outros.

A recepção do cinema na escola, segundo os professores, tem sido muito apreciada por parte dos alunos. Eles não estavam acostumados com o cinema, na perspectiva da fruição estética, pois o uso do audiovisual para ilustrar conteúdos na sala de aula e depois realizar alguma atividade para nota, era a prática mais comum até então. Contudo, os alunos estão percebendo, aos poucos, que



a intenção do grupo de professores era que eles pudessem apreciar o filme como obra de arte, sentir a sonoridade do filme, confrontar a narrativa, observar a cenografia e o figurino, e, por fim, internalizar, à maneira de cada um, a experiência cinematográfica.

O conhecimento sobre a Lei 13.006/2014 veio impulsionar essas ações na EMEF Saturnino Pereira. O principal entrave ainda é o desconhecimento geral sobre o nosso cinema por parte dos professores, para que se possa escolher um filme adequado e enriquecedor para os alunos.

Portanto, fazer com que o cinema brasileiro chegue às escolas e, ainda, às comunidades de baixa renda, é tão importante quanto difícil. Afinal, apesar da lei já existir, ela ainda não está regulamentada, portanto ainda não se tornou de fato política pública.

O empenho dos professores em exibir os filmes nas escolas e buscar o cumprimento da Lei 13.006/14 dá-se, principalmente, porque sabemos que, para muitos jovens brasileiros, especialmente aqueles que estão nas redes públicas de ensino, a experiência cinematográfica só será possível se a escola propiciar essa oportunidade. É muito importante para a auto estima e para o desenvolvimento dos alunos, em todos os aspectos, que eles se sintam representados na nossa cultura. É preciso considerar que o acesso às obras cinematográficas pode possibilitar o desenvolvimento da empatia e do senso crítico. Como ressaltam Fresquet e Migliorin:

Aceitar que o cinema propõe mundos, não traz apenas o belo, o conforto ou a harmonia. Ou seja, se desejamos o cinema na escola é porque imaginamos que a escola é um espaço, um dispositivo, em que é possível inventar formas de ver e estar no mundo que podem perturbar uma ordem dada, do que está instituído, dos lugares de poder. Assim, apostar no cinema na escola nos parece também uma aposta na própria escola como espaço onde estética e política podem coexistir com toda a perturbação que isso pode significar. Trata-se de um enorme e estimulante desafio para os educadores. (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015:7)

A iniciativa dos educadores da EMEF Saturnino Pereira em implantar o cinema nacional na escola se estendeu para outras escolas da região. Hoje ela também acontece na EMEF Luiz Roberto Mega, sob a coordenação da professora Juliana Borges, que teve sua formação em cinema e educação juntamente com os outros professores já citados, vinculados à DRE Guaianases.

As dificuldades encontradas por professores da rede pública, especialmente em uma região tão carente de recursos são inúmeras. A motivação só consegue ser alimentada se houver um projeto conjunto de vários professores, de preferência apoiados pela gestão. Os professores da região de Guaianases resolveram criar um cineclube entre eles para manterem acesa essa chama, permitir trocas de experiências e se sentirem fortalecidos diante do desafio que eles enfrentam diariamente em sua profissão. Nas próximas linhas, relatamos um pouco esse processo de mobilização em torno do cinema e seu significado.

### **Cineclube de professores: um ato de resistência e de enfrentamento consigo mesmo, e com o mundo.**

Inúmeros são os compromissos e várias são as tarefas a que os professores estão submetidos, considerando as atividades escolares que precisam dar conta e os prazos de fechamentos pelos quais são cobrados. Tudo isto faz parte da carreira do magistério, nenhuma novidade para os que a desempenham. Mediante esta realidade, há que se destacar o esforço, a energia e a disposição daqueles profissionais da educação que buscam nutrir-se culturalmente e dar outros sentidos às suas práticas, vivenciando outras experiências. Destacar este esforço é necessário justamente porque o tempo para si, no caso de quem atua no magistério, é exíguo, e o desfrute do ócio é raro. Ócio este conquistado à força por aqueles que se negam a viver apenas sob a esmagadora pressão do ambiente e do tempo escolar, cronometrado e controlado como é próprio da instituição. Nesta direção, formar e fazer parte de um cineclube é um exemplo dessa busca por sentido para alguns professores, uma verdadeira atitude de resistência à maquinaria cotidiana existente na escola.

Frente aos fatores mencionados acima, acrescidos dos compromissos ordinários particulares de cada um, podemos ter uma pequena dimensão da difícil tarefa de agrupar professores cinéfilos, admiradores da linguagem audiovisual,

para a formação de um cineclube de professores. Vários são os obstáculos que se colocam no caminho do acesso à cultura e ao aprofundamento que a pesquisa e o estudo exigem, e, desta forma, destinar tempo e espaço para ver e debater cinema, formar um cineclube, constituem o mesmo desafio. Buscando captar a aura dos antigos cineclubes, tão relevantes na formação cultural de algumas gerações, fomos atrás da história do cineclubismo, para, talvez ressignificá-los no nosso contexto educacional e político.

### **Breve menção à história do cineclubismo na França e no Brasil**

A situação dos cineclubistas franceses era bem diferente quando recuperamos um pouco a história do cineclubismo. O cineclubismo que se desenvolveu no Pós II Guerra na França contou com outra atmosfera cultural e política, marcada pela preocupação em estabelecer uma cultura nacional e popular. Neste ambiente cabe lembrar o protagonismo precursor do cineclubismo de André Bazin, conforme já citado por Claudia Mogadouro:

Uma das figuras centrais da segunda geração de cinefilia (pós-guerra) foi André Bazin que viveu apenas quarenta anos (1918-1958). Figura ímpar na história cultural, esse católico que não se tornou professor por ser gago, desde o final da segunda guerra dedicou-se à formação de cineclubes estudantis e operários e tornou-se também um dos principais críticos e teóricos de cinema na França. (MOGADOURO, 2011, p.126)

A atividade política neste momento atuava lado a lado com a cultura daqueles jovens estudantes cineclubistas. A ambientação daquela efervescência cultural dos anos 1950 a 1960 favoreceu o gosto por assistir e debater cinema, a criação da cinemateca, além da preocupação de exibição às camadas populares, de trabalhadores operários. Esperava-se assim o engajamento político dos cineclubistas que iam aparecendo neste cenário urbano e cultural.

Se o cineclubismo francês contou com a figura de Bazin para sua deflagração, podemos encontrar seu correspondente no Brasil na pessoa do crítico Paulo Emílio Salles Gomes. Responsável por organizar o *Clube de Cinema* em São Paulo, e pela publicação da revista *Clima*, onde foram amadurecendo a crítica e a

formação dos interessados em discutir cinema, somado ao fato de ter iniciado a cultura cineclubista no Brasil. Cercado pela intelectualidade brasileira de peso daqueles anos da década de 1950, composta por Antônio Cândido, Vinicius de Moraes, entre outros, Paulo Emílio e os demais foram testemunhas da chegada da revista especializada em cinema *Cahier du Cinéma*. Liam os artigos publicados e eram enfeitados pela crítica aos filmes analisados.

Cabe salientar que os debates decorrentes da leitura dos artigos desta revista acabaram por catalisar todo um movimento de discussão em torno do cinema, promovendo assim o gosto público, ainda que intelectualizado, por cinema no Brasil, e a reboque a expansão dos cineclubes e a formação de espectadores. É dentro deste mesmo contexto de formação dos cineclubes pelo Brasil que surgiram novos talentos que despontaram na Bahia, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Cineastas oriundos dessa formação da crítica de cinema, todos cineclubistas, influenciados pelos filmes do neorrealismo italiano, surgiam com novas propostas estéticas dentro da linguagem cinematográfica, era o Cinema Novo. De acordo com as intenções de Glauber Rocha, e dos cinemanovistas, tratava-se de mostrar o Brasil para o Brasil.

### **Surgimento do cineclubes de professores da DRE de Guaianases**

Ao tentar descrever a trajetória de surgimento de um determinado grupo, ou ação coletiva, corre-se o risco de esquecer alguns fatos, ou lembrar demais de outros. Neste caso, ao elencar os momentos que foram decisivos para o surgimento do cineclubes de professores da rede municipal de educação de São Paulo, da região de Guaianases, merece destaque o papel formativo e aglutinador que os cursos sobre os temas de cinema/educação e história do cinema brasileiro, oferecidos pelo Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação de SP, em parceria com as diretorias regionais, tiveram nesse processo. Foram cursos oferecidos desde 2014, todos voltados para a formação dos professores sobre as especificidades da linguagem do cinema, e, por conseguinte do audiovisual, o percurso da produção nacional, os movimentos estéticos e engajados, o desenvolvimento das animações brasileiras, etc.

Descobriu-se nessas formações que parte significativa do público de professores presentes não conheciam quase nada da história do cinema nacional, que

nunca tinham tido acesso a obras cujos trechos foram exibidos durante as formações. Ou seja, eram oportunidades de se desfazer dos velhos preconceitos e visões equivocadas acerca do cinema brasileiro. De poder comparar produções independentes, autorais, de obras do grande circuito comercial, das grandes distribuidoras de Hollywood, de valorizar a função do diretor, etc. Nas discussões que apareciam durante o curso, foi possível perceber o aumento gradativo do interesse pelo cinema nacional, à medida em que os cursistas passavam a interagir com a formadora. Foi possível ascender o gosto por cinema – para quem ainda não o tinha - e potencializar para os que já gostavam, mas que não estavam fundamentados teoricamente sobre o tema.

A partir de tais cursos promovidos, passou-se a fomentar entre um grupo pequeno de professores cinéfilos a possibilidade de formar um coletivo com o mesmo interesse que fora aprendido nos cursos: assistir e debater cinema, ou seja, a de formar um cineclubes. Graças ao empenho e a insistência incansável de alguns professores deste cineclubes, manteve-se a regularidade dos encontros, o contato para garantir a permanência do grupo, o cuidado com a organização do cronograma, do local a ser utilizado para os encontros e a exibição dos filmes, e assim o grupo foi se fortalecendo, ainda que com poucos membros.

Já fortalecido pelos encontros realizados por este grupo cineclubista, foi organizado um curso em 2017 pelos próprios cineclubistas, cujo objetivo era difundir a experiência do debater cinema, ou seja, fomentar uma ação cineclubista. O curso teve o título *Experiência cineclubista com professores: possibilidades na construção de uma cultura cinematográfica*. Tal evento serviu, entre outros fatores, para solidificar o grupo de cineclubistas de Guaianases, pois novas pessoas passaram a fazer parte e frequentar nossos encontros. Esses encontros do cineclubes também impulsionaram professores a participarem de cursos oferecidos por outras instituições: Biblioteca Mário de Andrade, IEDEP, Espaço Itaú Cultural, etc. onde cada um foi ampliando seu repertório sobre cinema.

Enfim, conforme mencionado, há vários elementos, que fazem parte da vida cotidiana de cada um, que disputam nosso tempo. Desde compromissos familiares, responsabilidades da carreira do magistério, e todas as demandas que requerem nosso tempo fora da escola. Afinal, somos professores, logo, nos-

so trabalho docente não se encerra na sala de aula. No entanto, a vigilância quanto ao que temos feito de nosso tempo tem que ser constante de nós para conosco. No objetivo de não sucumbir ao turbilhão de compromissos que assumimos, sem cuidar de nós mesmos no sentido filosófico, urge manter este cineclubes como movimento de resistência à superficialidade vigente no mundo. Continuar com as ações do cineclubes também significa lutar contra a mesmice trágica das paixões tristes que acometem grande parte da comunidade escolar. O cinema é um respiro delirante de outras formas de vidas possíveis, que pode nos alimentar ante a mediocridade reinante destes dias difíceis.

## Referências

- BERGALA, Alain, *A Hipótese-Cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink, 2008
- DUARTE, Rosália Cinema & educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FRANCO, Marília S., “Você sabe o que foi o I.N.C.E?” in: *A Cultura da Mídia na Escola – Ensaios sobre Cinema e Educação*. São Paulo: Annablume, 2004
- FRESQUET, Adriana Cinema e Educação – Reflexões e Experiências com Professores e Estudantes de Educação Básica, dentro e “fora” da Escola. Autêntica, 2017. FRESQUET, A.; MIGLIORIN, C. 2015:7
- MARTÍM-BARBERO, Jesús, *Ofício de Cartógrafo*. São Paulo: Loyola, 2004
- MOGADOURO, Cláudia A., *Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta)*. Tese de Doutorado - ECA-USP, 2011

MOGADOURO, Cláudia. Cinema e Escola: Ver, Sentir e Fazer. In: José da Silva Ribeiro; Carlos Eduardo Viana. (Org.). Encontros de Cinema. Viana do Castelo, Portugal, 2013, v. 1, p. 11-19.

MORETTIN, Eduardo V. *Cinema Educativo: uma abordagem histórica*, Revista Comunicação & Educação (4), set/dez/1995 – Moderna, CCA-ECA-USP: São Paulo, 1995

NAPOLITANO, Marcos, *Como Usar o Cinema na Sala de Aula*, São Paulo: Contexto, 2009

SETTON, Maria da Graça J. (org), *A Cultura da Mídia na Escola – Ensaios sobre Cinema e Educação*. São Paulo: Annablume, 2004

SETTON, Maria da Graça J. *Mídia e Educação*. São Paulo: Contexto, 2010.

## Sobre os autores

Cláudia Mogadouro nasceu e mora em São Paulo. É doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Graduada em História, especialista em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA-USP. Pesquisadora do NCE-USP. Formadora audiovisual da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, representante do Cineduc em São Paulo, criadora e coordenadora do Grupo Cinema Paradiso. Participou do grupo de trabalho do MEC-MinC para regulamentação da lei que inclui o cinema brasileiro no currículo da educação básica. Coordena o Coletivo Janela Aberta: Cinema e Educação. E-mail para contato: claudia.mogadouro@gmail.com

Michelle Caroline Bernardes dos Santos, Professora na Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo; integrante do Coletivo Janela Aberta - Cinema e Educação, integrante do Cineclubes de Educadores de Guaianases, formada em Letras e Pedagogia, especialista em Educação e Cinema pelo IEDEP. É Integrante do Grupo de Estudos Maio de 68, sobre Foucault, Guatari e Deleuze. É responsável por organizar mensalmente o Cineclubes Grande Otelo, com os alunos na EMEF Saturnino Pereira. Email para contato: michellecbarnardes1980@gmail.com

Marcelo Eduardo Lopes, nascido em Guarulhos e morador de Itaquera em São Paulo. É Coordenador Pedagógico da Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo, e Professor de História da rede privada no Colégio Objetivo; Formado em História pela Universidade de São Paulo - USP, com pós-graduação em Educação em Direitos Humanos pela mesma universidade. Especialização em Educação e Cinema pelo IEDEP; Atuou como formador de educação étnico-racial na DRE de Guaianases. É Integrante do Cineclubes de Educadores de Guaianases e do Grupo de Estudos Maio de 68, sobre Foucault, Guatari e Deleuze. E-mail para contato: macarrao@uol.com.br